

atlas de **RELACÕES INTERNACIONAIS**

N.º 17

O CAMBODJIA E SEUS VIZINHOS

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — Quadro Geossocial. 2 — Evolução Histórica. 3 — O Rei-
-Presidente 4 — Condições Econômicas 2

O ÁRTICO SOVIÉTICO

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — Dados Gerais 2 — O Isolamento Siberiano e o Arquipélago
Ártico 3 — A Integração da Sibéria 4 — A Grande Euro-
pa e a Sibéria 8

REPÚBLICA GUINÉA EQUATORIAL E SAARA ESPANHOL

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — Quadro Físico 2 — Histórico 3 — Situação Econômica
4 — Aspectos Gerais do Saara Espanhol 5 — Arquipélago
das Canárias 14

AUSTRÁLIA: A ILHA-CONTINENTE

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — Aspectos Geográficos. 2 — Aspectos Geoeconômicos.
3 — Conquista e Colonização. 4 — O Problema da Capital.
5 — Situação Política e Estratégica 19

O Cambodjia e seus Vizinhos

DELGADO DE CARVALHO

1 — Quadro Geossocial

Em tempos de um passado remoto, o reino de Cambodjia ocupou a quase totalidade da península da Indochina, entre o Oceano Índico e o mar da China. Eram cambodjianas as terras que hoje pertencem à Tailândia*, aos Vietnams e ao Laos, somente a Birmânia atual nelas não era incluída. Estes vizinhos, porém, siameses e vietnamitas, interessados todos no rio Mekong, bem como nas suas férteis planícies, foram reconstituindo Estados à custa de territórios cambodjianos, hoje, ainda, cercado de países, cujas fronteiras vão se estendendo, estreitando sempre mais o atual reino do Cambodjia.

Sua superfície de cerca de 180 000 km² ocupa apenas o sudeste do golfo do Sião; seu território é em grande parte formado por uma planície cercada de relevo, principalmente no sudoeste, onde se eleva a serra de Cardamour que, no monte Sangkos alcança mais de 1 700 metros, é de formação granítica, enquanto os montes Elefantes são de formação calcária. No norte o relevo apresenta formas abruptas sobre a planície (montes Dangrek). A bacia central do país é ocupada pela depressão do Tonle-Sap e seus lagos, remanescentes de um antigo golfo de mar. Para aí confluem vários rios que, reunidos, se despejam no Mekong. Este é o grande rio do Cambodjia, nascido no Tibet é um dos maiores rios da Ásia. Ao descer das alturas himalaianas apresenta várias quedas, tornando-se navegável a partir de Luang-Prabang. Seu delta na Conchinchina, ou Vietnã do Sul, é a terra de cultura do arroz por excelência.

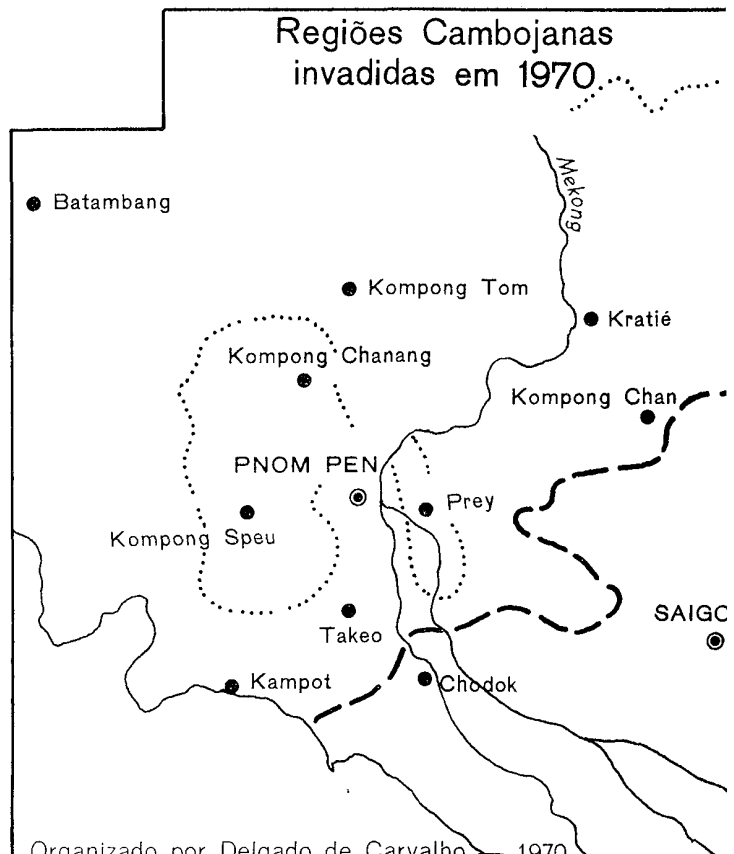
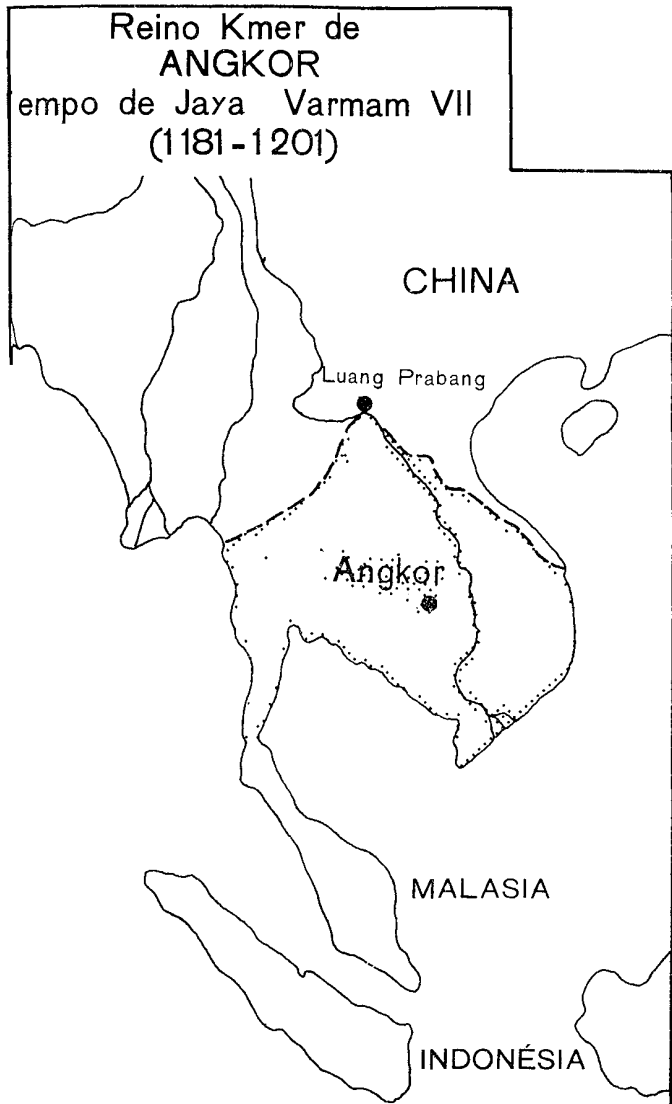
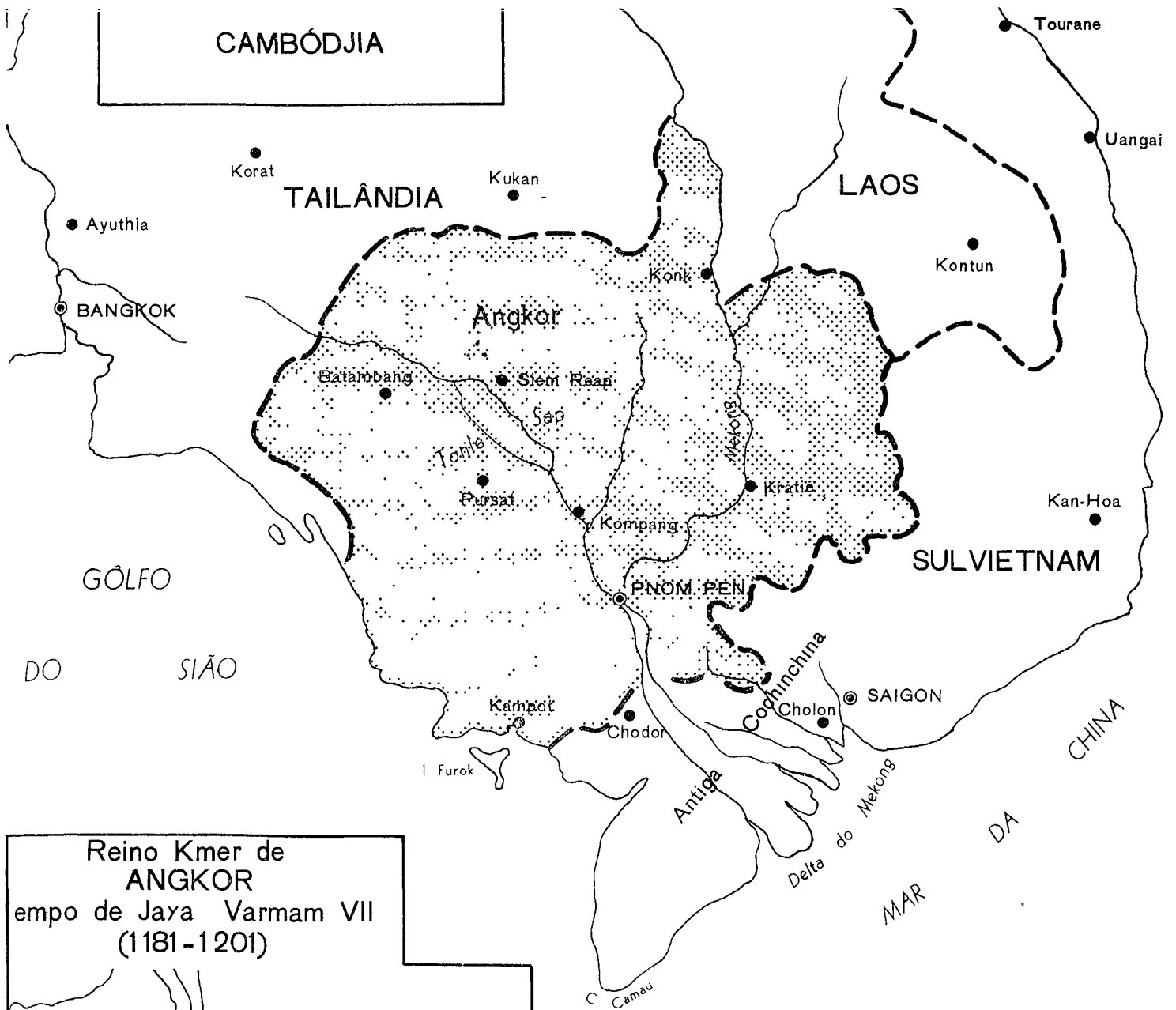
* Vide Atlas de Relações Internacionais n.º 2

O litoral do Cambodjia é relativamente pouco extenso em relação à área total do país. Apresenta apenas a baía de Kompong-Son e algumas ilhas entre as quais se destaca a de Fukok. O porto principal é o de Kampot.

Sob o ponto de vista climático, a Cambodjia goza das condições de Bangkok e Saigon; são fracas as variações de temperatura nesta região da zona subtropical. O que caracteriza é a alternativa das monções. Sob este regime, as monções do sudoeste, de abril a outubro, trazem as chuvas que inundam a bacia do Tonle-Sap. A estação seca causa forte redução das áreas lacustres, de outubro a abril, quando a monção do nordeste traz as mais altas temperaturas do ano (de 21 graus a 30 graus centígrados). A fauna é abundante e variada, o Mekong apresenta muitos répteis e crocodilos. O tigre, o leopardo e a pantera são frequentes, em compensação o elefante e o búfalo são domesticados e servem à tração. Os suínos são criados em escala regular. Quanto à vegetação, distingue-se pela teca, a variedade de boas madeiras, a borracha e a noz-vômica.

Os cambodjianos representam um grupo sul-asiático, que se estabeleceu na Indochina desde a época neológica, chamam-se kmers. O elemento mongólico que existe no país é mais recente. Diz a este respeito o Professor Dauphin-Meunier: "De todos os povos indochineses, o povo kmer é o mais antigo ocupante de seu habitat atual; só alguns milênios mais tarde, no século XIII de nossa era, que atraídos pelos deltas e pelo mar, expulsos da China pelos mongóis, apareceram os vietnamitas, os tais e os birmaneses que repeliram diante de si os kmers e seus parentes próximos, os snons do Menan e Irauadi" (Histoire du Cambodge). Os atuais kmers são tipos altos e fortes, provavelmente resultados de fusão mongol ariana, mais parecidos com os siameses do que com os anamitas. São em geral bons caçadores e lenhadores e, na região lacustre, são também importantes. Nas margens do Mekong as habitações são sobre estearias ou balsas flutuantes.

A religião que prevalece é o budismo, pregando respeito e culto aos espíritos e mortos. O bramanismo era praticado na Côte. São numerosos os bonzos que vivem de esmolas, ensinam os jovens e dirigem as cerimônias de casamento, funeral e coroação. Não há uma nobreza hereditária, mas subsistem castas de relações familiares; os manda-



rins constituem classe privilegiada, nomeados pelo monarca e seus filhos desempenham cargo na administração. A escravidão foi abolida durante o regime francês, em 1897. O sistema semi-feudal está, há tempos, decaindo rapidamente. A língua falada é aglutinante, rica em vogais. A linguagem da Corte e da religião parece ser de origem ariana, silábica e complicada.

No início do século, a população da Indochina, colônia francesa, contava cerca de 16.500 mil habitantes, dos quais o Cambodjia possuía mais de 1.600 mil. A Conchinchina já contava três milhões e o Anan cerca de 5 milhões (estatísticas de 1911). Atualmente, é avaliada a população cambodjiana em 6.300 mil (1968), incluindo meio milhão de vietnamitas, 400 mil chineses e 5 mil europeus. Um recenseamento de 1921 tinha contado 2.500 mil cambodjianos e menos de 300 mil estrangeiros; foi pois rápido o crescimento populacional neste último meio século.

Pnom-Pen, a capital desde 1860, situa-se no local denominado *Quatro-Braços*, onde o Mekong recebe o Tonle-Sap e os rios da planície. É um centro comercial de importância, que recebe navios de grande tonelagem, mesmo quando as águas estão baixas. É empório de arroz, de peixe, de pimenta e de outras mercadorias. Sua população é de 600 mil almas. Ao norte de Pnom-Pen situa-se *Oudong*, a antiga capital, tida ainda como cidade santa. Subindo o rio Mekong encontra-se a cidade de *Kratié*, primeiro centro urbano depois das numerosas quedas do grande rio. *Pursat* também foi capital. A cidade mais importante do noroeste é *Batambang*, que a Tailândia várias vezes ocupou. Já *Takeo* é centro de ricos arrozais. O principal pôrto do Cambodjia é *Kampot*, também centro de cultura da pimenta, tradicional na Indochina, desde o tempo do Império Romano.

2 — Evolução Histórica

A História do Cambodjia é uma crônica muito movimentada dos episódios motivados principalmente pelos Estados vizinhos que, em etapas sucessivas, procuraram dominar definitivamente o seu território. Mais ou menos no primeiro século da nossa era, as populações *kmers* entraram em contato com navegantes provenientes da Índia. Daí resultou para o povo uma primeira fase de indianização, que a alternativa periódica das monções favorecia. O hinduísmo penetrou com sua língua,

seus escritos, suas leis e seus conceitos de realeza. O budismo do "Grande Veículo" penetrou com suas práticas animistas, principalmente na Chancelaria Real. Deu-se, porém, um episódio no fim do século VIII: a invasão javanesa, através de piratas que se instalaram no delta do Mekong. No princípio do século IX, quando Carlos Magno restaurava o Império do Ocidente, um grande rei cambodjiano, *Jaya-Varman II* livrava seu país do jugo javanês e edificava as bases do Império *Angkor*, que iria marcar o período áureo da dominação do Cambodjia na península indochinesa, principalmente sob o reinado de *Jaya-Varman VII*. Uma guerra dos Cem Anos tinha sido levada a efeito contra os *chams*, que haviam constituído o Estado *Champa* entre a cordilheira anamita e o mar, procurando se estender para o norte, Tonkim, e para o sul, delta do Mekong até *Takeo*, que lhes servia de capital.

Angkor foi invadida e destruída, mas reedificada uma terceira vez. Em 1283, *Kubilai*, neto de Gengis-Kan, enviou forças para conquistar o Cambodjia e o Champa; foram essas tropas rechaçadas por *Jaya-Varman VIII*, embora este rei tenha julgado mais prudente oferecer um tributo aos mongóis.

Houve, no entanto, uma vacância do trono, cujo rei fora assassinado; resolveu-se a questão em 1336 proclamando rei o seu assassino, o que logo provocou uma revolução político-religiosa, em consequência da qual a realeza perdeu o seu caráter sagrado e foi restaurado o budismo. Acabava assim a fase de *Angkor* e a civilização angkoriana sóçobrou no tempo de *Jaya-Varman X*. A capital foi, por fim, assaltada, tomada e destruída pela invasão siamesa de *Ramadipati*, que transferiu a metrópole para a Tailândia à beira do rio Menan, onde *Ayuthia* ficou sendo capital do Sião desde 1768. Continuaram, porém, as guerras até a libertação do Cambodjia.

Fases interessantes da vida social daquele país foram marcadas pela presença de portugueses no fim do século XVI. O dominicano *Gaspar da Cruz*, proveniente de Málaca, veio catequizar os cambodjianos e foi seguido por outros sacerdotes, comerciantes e aventureiros lusos-espanhóis, por fim por holandeses também, que entraram em conflito com os europeus ibéricos (1644).

O Século XVIII e o princípio do século seguinte foi, talvez, o período mais movimentado e mais confuso da História cambodjiana. Basta lembrar que de

1711 a 1730 nada menos de quatro reis disputavam o trono e reinavam em zonas diferentes. Para sustentarem as suas pretensões apelavam ora para o Sião, ora para Huê e vietnamitas; por sua vez os laocianos entraram na confusão. Um mestiço chinês, *Tak*, apoderou-se de Ayuthia, foi reinar em Bangkok e atacou o Cambodjia. Internado num mosteiro, foi substituído no trono por um ministro seu, que o mandou executar em 1792, um ano antes de ter o mesmo destino o rei da França Luiz XVI. Coube aos vietnamitas tirar partido da situação anárquica, quando já se tinham tornado definitivamente donos da Conchinchina. A anexação oficial se deu em 1841 quando a *princesa Ang-Mey*, feita rainha do Cambodjia foi deportada para Huê.

Abria-se então uma nova fase da História da Indochina. As duas potências, rivais na partilha do país sem monarca, julgaram preferível se entender e conjuntamente dominar um rei de sua escolha, que recaiu na pessoa de *Ang Duong* (1845). Durante 14 anos foi um dos melhores soberanos do Cambodjia; procurou restaurar a ordem no país tão prejudicado pelas lutas. Reconstruiu Oudong, abriu canais, estradas e portos fluviais; cuidou do povo, reorganizou as finanças e promoveu o comércio. Prevendo que, com sua morte, o país seria novamente objeto de intervenções estrangeiras, não teve dúvida em apelar para a França de Napoleão III, solicitando a sua proteção. Coube a seu filho Norodon ver executado este desejo em 1864.

Com a intervenção de Monsenhor Miche, vigário apostólico do Cambodjia, o rei Norodom via assim garantido o seu trono. Começava então a fase histórica à qual Dauphin-Meunier deu o nome de *Renascimento Nacional*, de 1859 a 1960. No seu reinado de 45 anos (1859-1904) Norodom mostrou-se grato à monarquia siamesa por tê-lo apoiado e acolhido quando perseguido, mas em relação ao Vietnan nunca deixou de reivindicar a Conchinchina como terra cambodjiana. Apesar das dificuldades e sublevações de pretendentes descontentes (revolta de Pukombo-1865-67), foi um rei reformador da administração que simplificou e das finanças que restaurou. *Aboliu a escravidão*, fato que determinou a oposição da Côte. Depois de viagens à China e às Filipinas, onde muito observou e aprendeu, foi surpreendido pela política francesa de Jules Ferry que mudara o sistema de tutela pelo sistema de protetorado, que foi exercido por um inepto e brutal governador enviado pela França. Com a que-

da de Jules Ferry, recobra o rei Norodom a sua autoridade, recebendo auxílio da nova metrópole; foi de grande proveito para o desenvolvimento econômico do país. Em 1904 sucedia a Norodom o seu irmão mais moço *Sistovat* e a colaboração francesa consistiu essencialmente numa restauração da nacionalidade Kmer, de seu passado, de suas artes, de sua arquitetura, especialmente simbolizada pelos monumentos de Angkor.

O rei *Monivong* (1927-1940) sucedeu a seu pai *Sistovat* e reinou no Cambodjia no movimentado período de entre guerras. Durante a Primeira o país, sendo ainda colônia francesa, havia contribuído mandando para a Europa batalhões cambodjianos que se destacaram na frente da guerra. Durante a Segunda, a França compelida a abandonar sua colônia indochinesa, o Sião (que passou a ser chamar Tailândia), aproveitou a oportunidade para reclamar novamente as províncias do noroeste Sien-Reap e Batambang. *Monivong*, não deixou de tratar da política econômica do país, inaugurando as primeiras plantações de borracha, com meio milhão de héveas, abrindo estradas e ferrovias; tratou também da educação, fundando escolas budistas e restaurando mausoleus antigos.

3 — O Rei-Presidente

A fase mais crítica da Guerra Mundial coube ao neto de *Sistovat*, o príncipe *Norodom-Sihanuk*, que dispõe do trono, colocando nêle vários ocupantes desde 1941. Começou então a "cruzada pela independência". Chegando ao poder aos 18 anos, o novo governante teve que enfrentar as situações mais descontraídas: é que em 1945 as forças japonesas ocupavam o país, instituindo um governo revolucionário pró-japonês. Os franceses de *Leclerc* conseguiram capturar o títere japonês, mas o rei manda soltá-lo; assim, êle foi a Tailândia promover uma expedição de guerrilheiros, os *issarak*s, contra o próprio rei que o tinha salvo. Em 1946, no entanto, com a vitória final dos ocidentais, foram restituídas ao Cambodjia as províncias que a Tailândia havia "recuperado". A França, porém, não restituiu a Conchinchina, que ficou fazendo parte da Indochina, isto é, do Vietnan que, aliás, depois, os franceses

também iriam perder. Sihanuk conseguiu libertar as fronteiras não só dos issarakas como também dos vietmins (combates de Batambang e de Kratié 1953-54). Foi a “*cruzada real*” que comandou pessoalmente. Em 1955 o Cambodjia era admitido nas Nações Unidas; mas, para sair da União Francesa, constituída em 1946, foram necessárias longas negociações, findas as quais Sihanuk conseguiu obter a independência, em vez de permanecer na “associação”. Depois deste triunfo o rei cambodjiano resolveu abdicar a realeza, na qual foi substituído por seu pai Suramarit; ficava então Sihanuk como Presidente do Conselho de Ministros, no qual se julgava mais livre para executar as reformas políticas que planejava. Suramarit reinou cinco anos (1955-60) e efetuou importantes alterações na economia cambodjiana, sendo uma delas o reagrupamento das aldeias aglutinadas em pequenas vilas com mais fáceis comunicações, em vez da dispersão em que se achavam. Fazia isto parte das reformas planejadas, assim como a *fundação do Banco Nacional do Cambodjia*, que lhe dava independência monetária e, por fim, foi fundada a organização política nacional chamada *Sangham Reastr Niyum* (Comunidade Popular Socialista) da qual era o príncipe Sihanuk o imperador e guia. O objetivo era o de contrabalançar as influências conservadoras na formação das novas gerações, principalmente nas universidades e escolas técnicas. O príncipe julga que o país não está preparado para um regime político de governo multipartidário; na realidade Sihanuk, que governa efetivamente há trinta anos, não pensa em se afastar ou ser afastado do poder, qualquer que venha a ser o detentor do trono ou da presidência do Conselho, quando ele se ausenta.

Esta estratégia política, aparentemente instável, que vem se processando com a explicável oposição dos conservadores e tradicionalistas, se reflete nas relações internacionais. Com os *Estados Unidos*, por exemplo, em 1969 foram restabelecidas as relações diplomáticas que tinham sido rompidas durante quatro anos, por terem forças americanas do Vietnã do Sul violado a fronteira cambodjiana. Quanto às relações com a *Tailândia*, e *Vietnã do Sul*, o príncipe declara que se sente “entre a cruz e a caldeirinha”. Melhores são suas relações pessoais com o *Vietnã do Norte*, que está invadindo a parte setentrional do país e cercando as províncias cen-

trais. Desde outubro de 1966, um general conservador, *Lon Nol*, está liderando a repressão do que é considerada, não como uma subversão auxiliada pelo estrangeiro, mas apenas como uma rebelião cambodjiana.

Norodom Sihanuk achava-se em visita a Moscou, quando a 18 de março de 1970 deu-se o “golpe de Pnom-Pen”. A Assembléia Nacional destituiu o herói esquerdista, declarando traidor e o substituiu pelo *General Lon Nol*. Finalmente, a 8 de outubro de 1970, foi instaurado o regime republicano no país.

4 — Condições Econômicas

A população cambodjiana está empenhada em trabalhos agrícolas, pesca e lenharia. *Arroz e peixe salgado* são os dois produtos essenciais do país. Dos seus 44 milhões de acres, 20% são de matas, 20% são cultiváveis, e 4% apenas dedicados à cultura, dos quais a metade comporta arrozais. O sistema agrário é de *pequena propriedade* e prevalece a cultura de subsistência; é reduzida a parte destinada ao mercado de exportação. A produção de arroz em 1967-68 foi de mais de 3 milhões de toneladas. São também cultivados *o milho, o feijão, a soja, a pimenta e a goma guta*, o chamado cardomone, grão que serve também de condimento. Os demais produtos tropicais são cultivados em menor escala (algodão, cana, chá, etc.). A pecuária é representada especialmente pela *criação de suínos*.

A *indústria florestal* está, em grande parte, nas mãos do governo, que escolhe os seus concessionários, aliás pouco numerosos. O resto é do domínio público e não é explorado com o espírito de conservação das reservas. Nas montanhas, grandes áreas são ocupadas por pinheirais.

Quanto à *pesca*, o Cambodjia é a mais rica região do sudeste asiático em peixes de água doce. A pescaria foi a mais próspera indústria da região dos grandes lagos, que exportavam peixe do Mekong para a China em grande quantidade. De 150.000 toneladas exportadas em 1960, decaiu para 84.000 em 1968, devido ao assoreamento constante, à destruição de plantas aquáticas e a pescarias excessivas.

A *indústria mineira* parece abrir um futuro promissor às atividades cambodjianas. *Salinas e mármore* na zona de Pursat, *caolin e ardósias* perto de Kratié e *jazidas de ferro de alto teor* abundantes na serra do norte, são ainda inexploradas devido às dificuldades de

transporte. Algumas dessas jazidas têm sido trabalhadas por técnicos chineses. Já existe, entretanto, uma *fábrica de fosfatos* estatal e particular mista, criada em 1966 nas proximidades da jazida calculada em 300 mil toneladas; outras fábricas da mesma importância estão sendo planejadas.

A *indústria fabril* tem se desenvolvido com a montagem de automóveis de peças importadas. Uma *refinaria* foi inaugurada em *Sihanukville* em 1969. Estão se multiplicando as manufaturas de tecidos. O setor estatal comporta *serrarias*, fábricas de papel, de vidros, de *cimento*, assim como *olarias e destilarias*.

Quanto ao *comércio*, as principais importações têm sido de têxteis, de alimentos, de máquinas, veículos, produtos farmacêuticos, equipamento elétrico, papel, fertilizantes, cimento e objetos de metal. As exportações comportam principalmente borracha, milho e arroz. A França é importadora de borracha cambodjiana. A maior parte do comércio é feito pelo Mekong, com destino a Hong Kong e Cingapura, de onde são distribuídos aos diversos mercados para seus respectivos destinos. Tem crescido rapidamente o comércio com a Grã Bretanha.

(outubro de 1970)

O Ártico Soviético

THEREZINHA DE CASTRO

Geógrafa do IBG

1 — Dados Gerais

Entre a plataforma central e o Oceano Glacial Ártico localiza-se, por todo o norte da Ásia, a *Sibéria*, com seus 7.000 km de extensão, desde os Urais até o estreito de Bhering. A área territorial siberiana é de 18.449.599 km², num conjunto superior ao da própria Europa, englobando 70% da superfície total da União Soviética e a quarta parte do continente asiático.

Levando-se em consideração o relevo, a Sibéria divide-se em duas zonas distintas:

à) *Sibéria Ocidental*, região plana, na realidade um prolongamento da planície européia, cujas altitudes não chegam aos 700 metros. Esta região começa nos montes Urais (2.400 km de comprimento e média de 1.700 metros de altitude), terminando no rio Yenissei.

b) *Sibéria Oriental*, constituída por um imenso planalto, onde uma série de montanhas formam extensa cadeia até a península do Kamtchatka, onde surge o vulcão Kliutchev (4.960 metros).

As barreiras montanhosas que cercam pelo sul a Sibéria, não permitem que os ventos quentes das baixas latitudes cheguem a ela; por sua vez, as cordilheiras dispostas na Sibéria Oriental impedem que chegue ao interior a influência benéfica do Pacífico. Fechada no sul e no leste, sofrerá unicamente, a Sibéria, a influência do Oceano Glacial Ártico. Nestas condições, seu clima apresenta-se rigorosamente frio, a ponto de em *Verkhoyansk*, pólo frio da Terra, os termômetros atingirem 70 graus abaixo de zero.

Levando-se em conta a latitude, com suas diferenças climáticas, a Sibéria abrange três grandes zonas fitogeográficas:

a) A *tundra*, estendendo-se através de toda a faixa litorânea, banhada pelo Oceano Glacial Ártico, apresenta-se com vida vegetal apenas durante o curto verão. Os musgos e juncos são encontrados em locais mais úmidos, enquanto os mais altos e secos se apresentam com os líquens, amoreiras silvestres e outros pequenos arbustos; junto aos rios, nas clareiras arenosas, são encontrados pequenos olmos.

É o habitat da rena, domesticada pelos indígenas siberianos, subdivididos em tribos diversas, vivendo sobretudo da caça e da pesca. A caça é a de animais de peles raras, entre os quais a raposa prateada, marta, arminho e urso polar. De grande valor econômico é também a pesca de focas e baleias, nas proximidades do estreito de Bhering. Já a pesca fluvial oferece grandes dificuldades, graças à obstrução dos gelos em grande parte do ano; no entanto, ela é intensa principalmente no rio Yenissei, onde abunda o esturjão, de cuja ova se fabrica o caviar.

b) Logo a seguir, a taiga estende-se por sobre cerca de 1 800 km de largura no sentido norte-sul, em área florestal de grandes proporções, atingindo 700.000.000 de hectares.

O abeto vermelho e o cedro de folhas pequenas, para evitar a evaporação, constituem-se nas espécies predominantes. Surgem de norte para o sul, primeiramente como árvores isoladas, para, aos poucos, mostrarem-se em pequenos bosques. Esses bosques são mais densos nas imediações do Yenissei, já que suas águas, provenientes do sul, apresentam-se mais quentes.

c) Finalmente, encontra-se ainda dentro do Ártico Soviético, a estepe, paisagem caracterizada por massas florestais; por aí é que se realizou a expansão russa para o leste. É aí que está a Sibéria mais povoada, com suas principais cidades servidas pela Estrada de Ferro Transiberiana.*

Suas terras negras, semelhantes as de *tchernoziom* da Rússia Européia, são bastante férteis; assim sendo, está limitada a essa área a agricultura siberiana, com magníficas colheitas de cereais, circunscritas ao paralelo de 60 graus, que passa mais ou menos pela altura das cidades de Okhotsk, Olekminsk e Bereznik.

A Sibéria constitui-se, graças a seus climas extremos, num dos grandes vazios demográficos da União Soviética; registram-se no centro e extremo norte

* Vide Atlas de Relações Internacionais n.º 9

desta região apenas 2 habitantes/10 km². Sua população total é calculada em cerca de 2 milhões de habitantes, onde apenas *Arkhangelsk*, pôrto madeireiro no mar Branco e *Murmansk*, localizada num fjord (69 graus de latitude norte), livre dos gelos, ultrapassam as 200.000 pessoas.

2 — O Isolamento Siberiano e o Arquipélago Ártico

A Rússia Européia é dos países mais bem servidos em *vias de comunicação*. A Sibéria, porém, neste setor, apresenta-se no mais *perfeito isolamento com relação à Rússia*. A Transiberiana é o único e verdadeiro “cordão umbilical” que une essa extensa região a Moscou. Ao Ártico Soviético a ligação ferroviária-rodovia não pode chegar. Os trilhos das estradas de ferro, que partem de Moscou, só atingiram essa região nos seus pontos mais longínquos, os portos de *Murmansk*, *Arkangelsk* e *Kara*.

O transporte para as demais regiões do extremo norte faz-se, via de regra, pela *Aviação Ártica do Ministério da Marinha*, mantendo serviços regulares de *helicópteros para atender às regiões inacessíveis*.

O território siberiano é *percorrido por numerosos rios* que desembocam em *rêdes paralelas* no Glacial Ártico. Os rios do Ártico Soviético são em geral *muito extensos* e, percorrendo *vasta área de planície*, prestar-se-iam à navegação, caso não se mantivessem *gelados grande parte do ano*.

O *rio Obi* (significa — água de neve) é o primeiro em importância a aparecer na chamada Sibéria Ocidental. É o de *maior curso do país* (5.300 km), com largura variando de 4 a 5 km e com profundidade média de 5 a 6 metros. Obstruído pelos gelos durante seis meses, apresenta, quando livre, um trecho de 3.485 km navegáveis. Na sua foz destacam-se *Novy Port*, incluído na rota marítima do norte e *Salekhard*, em conexão ferroviária com *Kotlas* no rio *Dvina*.

A Sibéria Ocidental é limitada pelos montes *Urais* e o *rio Yenissei*, o segundo em extensão entre os rios siberianos (5.200 km). Seu nome traduz-se por “água grande”, pois é na realidade bem mais caudaloso que o *Obi*.

Enquanto o *Obi* atravessa planícies da estepe sem receber afluentes que venham engrossar-lhe a caudal, o *Yenissei* tem entre *seus tributários* o *Tunguska-Inferior*, *Rochoso* e *Superior*, alimentados pelas águas do *lago Baikal*.

Banhando extensa área florestal, essa bacia fluvial *facilita o comércio do norte com a área central* no setor madeireiro. A 665 km da sua foz localiza-se *Igarka* que, além da indústria madeireira, possui granjas experimentais de animais de peles raras. Banha ainda o *Yenissei*, o pôrto fluvial de *Dudinka*, onde se efetua o embarque do cobre das minas de *Norilsk*. Finalmente, na sua foz, *Dikson* tem grande importância como estação carbonífera na rota do mar de *Kara*.

Entre o *Yenissei* e o *Lena*, estende-se a Sibéria Central. Nascendo nos *montes Baikal*, o *Lena* forma *corredeiras na primeira secção do seu curso*. Tomando o curso do nordeste, desvia-se para o norte, depois de banhar *Yakutsk*. Seu curso é de 4.600 km mas, a 160 km do Ártico já começa a formar o *seu delta*, que tem 210 km de extensão. Em sua foz destaca-se o pôrto de *Tiksi*, ponto de escala obrigatória na rota marítima do norte.

Além do rio *Lena* tem início a Sibéria Oriental, onde os cursos d'água, também gelados grande parte do ano, pouco se prestam à navegabilidade. Dentre êles, o *Kolyma* (1.787 km.) é o de maior curso e também o último em importância a lançar-se no Ártico, pois o *Anadyr* (470 km.) já é tributário do Pacífico.

Dos 30.800 km que perfazem a costa siberiana, 15.900 km são banhados pelo Oceano Glacial Ártico. Pela *defrontação*, a Rússia herdou ou confirmou a sua posse sobre várias ilhas e arquipélagos dêste oceano gelado.

a) Na *parte ocidental* incluem-se o arquipélago *Francisco José*, *Nova Zembla* e as ilhas polares mais próximas do continente, que são *Kolkiev* e *Vaygach*.

Kolkiev, diante da baía de *Tscheskaya*, tem uma área de 3.496 km², ou seja cerca de três vezes maior que o nosso Estado da Guanabara (1.356 km²). Seu aspecto geral é de *uma extensa planície, interrompida por suaves colinas*, cujas altitudes nunca excedem os 70 metros sobre o nível do mar. Nela vivem os indígenas samoiedas, criadores da rena, mas durante o verão é muito visitada por russos, que aí vão recolher grandes quantidades de *guano*, depositados pelos pássaros da região.

Vaygach (3.700 km²) e *Nova Zembla* (94.700 km²), esta última pouco menor que o nosso Estado de Santa Catarina (95.985 km²) constituem-se geográficamente num *prolongamento dos mon-*

tes Urais. As duas ilhas estão separadas por um estreito de 45 km, que recebe o nome de *Porta de Kara*, por dar acesso ao mar do mesmo nome.

As costas de Nova Zembla são constituídas por *fjords*, mas na *penepianície do seu interior* as altitudes nunca são inferiores aos 1 000 metros. Em sua parte meridional, até os 72 graus de latitude norte, *está livre dos glaciares*. Grande *diferença climática* se registra entre os *litorais oriental e ocidental* desta ilha. A zona oriental encontra-se submetida à influência das *correntes frias polares e gelos do mar de Kara*; já a parte ocidental é favorecida pela ação térmica de *um ramal da corrente quente do Golfo*. Dêste modo, nesta última área, a temperatura média de janeiro é de 9,4 graus subzero, enquanto que em julho os termômetros sobem a 7,2 graus acima de zero.

Graças à proximidade do continente, Nova Zembla e Vaygach têm rica fauna polar, representada especialmente por ursos, gansos e aves marinhas diversas. Durante o verão, grupos de samoiedas para aí se dirigem, a procura de peles raras e, principalmente, para *pescar arenques*. Neste período tornam-se mais intensas as comunicações marítimas com o porto de Arkhangelsk.

A 400 km ao norte de Nova Zembla encontra-se o grupo insular denominado *Francisco José*, com uma extensão de 19.700 km² e numa altitude de 1 000 metros. Por sua latitude essas ilhas encontram-se *quase que inteiramente ocupadas por glaciares*, constituindo-se na terra do Ártico Soviético, onde *é mais acentuado o caráter polar*. Sendo de *difícil acesso*, encontra-se fora da rota marítima do norte; isto porque, além dos limites das neves encontram-se, aí entre 100 e 300 metros sobre o nível do mar, acha-se também o arquipélago sob influência dos fortes temporais de neve, ficando *envolto em densa neblina*, que esconde os numerosos icebergs alojados nas imediações. Sendo das mais frias regiões da Terra, sua flora é paupérrima e a fauna praticamente nula.

b) Na *área Oriental, Zembla e Severnaya* constituem-se num *prolongamento da península do Taymir* e separam os mares de Kara de Laptev. Dada suas proximidades com o continente, apresentam características semelhantes a êle e, sobretudo, Severnaya, a mais meridional, encontra-se integrada na rota marítima do norte.

Segue-se o *arquipélago de Novosibirsk* ou Nova Sibéria, num conjunto que abrange 28.000 km², maior por-

tanto que o nosso Estado de Sergipe (21.994 km²). O grupo encontra-se *na foz do rio Yana* e, juntamente com a *ilha de Wrangel*, limitam o mar de Nordenskjold. Suas *costas são baixas e onduladas*; nas zonas de elevações graníticas alternam-se massas de areia e neve.

Ainda nessa área, as *ilhas De Long* (5 900 km²), com altitudes médias de 460 metros, *erguem-se bruscamente do mar como escarpados*, que os gelos recobrem inteiramente. Rodeada por icebergs estão também fora da rota marítima do norte.

Finalmente a ilha Wrangel (4.680 km²) separada do continente pelo estreito De Long, com *áreas livres do gelo*, foi ocupada pelos ingleses em 1921, logo desalojados pelos russos. É o *último ponto de escala* na rota marítima do norte que, ultrapassando o estreito de Bhering, continua através do Pacífico.

3 — A Integração da Sibéria

Embora a expansão russa pela Sibéria date do século XVI, *a região não foi logo integrada ao país*.

À semelhança do que fizeram os estadunidenses na Califórnia no século XIX, os russos, a partir de 1930, passaram a ocupar também na Sibéria o seu solo agrícola e a explorar as primeiras jazidas minerais, as mais diversas que iam aparecendo. Tal fato exigiu *numerosa mão-de-obra*; daí o deslocamento de populações do oeste que, ultrapassando esta vasta região do hinterland siberiano, foram se estabelecer principalmente nas *áreas de maior importância geoestratégica do extremo oriente*.

No interior, de um modo geral, a *ocupação humana da Sibéria* restringia-se à zona agrícola das terras negras de tchernoziom, limitadas por *um delgado triângulo que se projetava para o lago Baikal*. Uma longa ferrovia já ligava Moscou a Vladivostok; assim, *a Sibéria desenvolvida restringia-se a uma franja de terra estendida ao longo da Transiberiana*.

Além das possibilidades agrícolas, a área demonstrou possuir importantes depósitos minerais; daí terem se instalado, ao longo dessa ferrovia, as principais cidades e os importantes centros industriais siberianos. Em 1930, pode-se dizer, teria início a *colonização industrial* desta área siberiana; o *Ártico Siberiano ficaria ainda relegado a segundo plano*.

A Primeira Guerra Mundial demonstraria a importância do Ártico em geral, onde, sobretudo a Groenlândia e Islândia * teriam destaque. Nesta época fizeram-se ainda inúmeras *tentativas de utilização do mar de Kara* para intensificar-se o tráfego entre a Inglaterra e Estados Unidos, através dos portos russos de Arkhangelsk e Murmansk. Tais tentativas, embora ineficazes na época, atrairiam as atenções do governo russo no período de após-guerra.

Findo o período da reconstrução, encaminhou-se o governo russo para o da exploração científica. Assim, em 1933 entrava em cena a *Glavsevmorput* (G.S.M.P.) ou seja, a Chefatura Administrativa da Rota Marítima do Norte. Sua sede está situada em Yakutsk, sobre o rio Lena, empregando cerca de 50.000 pessoas; cabe a esta administração, pesquisa e exploração mineral para o *desenvolvimento econômico do Ártico*.

No entanto, sua finalidade inicial foi a de realizar estudos geográficos, dos ventos, marés, neves, condições do gelo e topografia costeira. Tudo isto para *transformar a perigosa rota marítima do norte numa via segura para os navios mercantes*.

No arquipélago Francisco José, inabitado, foram instaladas estações meteorológicas e base aérea, seguindo-se outras, que iam ocupando as ilhas Árticas até Wrangel. Em Dikson e Tiksi instalaram-se portos marítimos equipados, onde os habitantes podiam contar com vida mais confortável, graças à energia elétrica gerada por moinhos de vento produzindo luz e calor.

As intensas pesquisas realizadas nos dez primeiros anos, permitiram aos russos *fazer o prognóstico do tempo e gelos com antecipação de vários meses*. Assim, de Murmansk a Vladivostok (no Pacífico) passou a ser possível *a navegação sazonal*, graças à instalação de portos nas embocaduras dos principais rios, de estações meteorológicas e aéreas para vôos de reconhecimento, bem como de uma frota de quebra-gelos um dos quais atômico. Em seguida, durante algumas semanas de verão, já os cargueiros podiam transportar produtos minerais e madeiras provenientes da taiga. Estava assim *aberta a rota marítima do norte, que viria promover a integração do Ártico Soviético*.

Verificou-se, então, que à semelhança do Canadá, *a Sibéria em seu setor ártico, apresentava-se promissora em ri-*

* Vide Atlas de Relações Internacionais n.º 8 e 15

quezas minerais. Graças aos trabalhos sistemáticos do *Instituto União*, fundado pela Academia de Ciências, as explorações científicas iniciadas em 1934 iriam possibilitar as primeiras explorações nesta área.

Na península de Kola, *as jazidas de apatita e nefelita*, ambas ricas em fosfatos para fertilizantes, deram desenvolvimento a *Kirovsk* que, dotada de energia elétrica, passou a industrializar esses minerais; o produto é também levado ao centro industrial da Rússia através da estrada de ferro Murmansk-Leningrado (1.400 km).

A *hulha da bacia fluvial do Petchora* vai alimentar as indústrias de Moscou; os *depósitos minerais de ferro de Vorkuta* nas proximidades dos de *carvão em Dikson* e de *cobre em Norilsk*, deram grande destaque à região; assim, até *Vorkuta*, chegaram os trilhos da ferrovia que vem de Moscou.

Os *betuminosos são extraídos da região de Dudinka* no Yenissei, *Bulun* no Lena e *Nizhe-Kolymsk* no Kolyma; neste último, também com o seu *ouro de aluvião* em fase de exploração.

Seguindo-se para a *região de Nordvik* encontram-se os depósitos de *antracita*, o mais denso dos carvões fósseis empregado como combustível nos fornos de cal ou vidraria; associam-se a essa riqueza as *minas de sal*.

Finalmente, estendendo-se as pesquisas, foram localizadas nas *imediações de Verkhoyansk*, sobre o rio Yana, promissoras *minas de estanho*.

Patenteada a riqueza do Ártico Soviético, a tudo isto se sobrepõe a *importância geoestratégica da região*. Por ela, sobretudo, é que se realizou a *integração dessa área de vital importância nos transportes aéreo e marítimo da União Soviética*; é nela que os russos, no campo da "guerra fria", têm *uma de suas frentes com relação a OTAN*.

4 — A Grande Europa e a Sibéria

Na realidade, os grandes esforços que o governo russo vem empreendendo na Sibéria não foram plenamente coroados de êxito. Por isso, considerando a Sibéria como o *ponto chave de seu progresso futuro*, os russos aproximaram-se dos japoneses, * franceses e, mais recentemente, dos alemães, para melhor promover a exploração das riquezas siberianas.

* Vide Atlas de Relações Internacionais n.º 12

Segundo o BC-Semanal (438 e 444), a fim de interessar os colonos russos, o governo soviético transformou os salários dos que foram trabalhar na Sibéria em cerca de 70% maior do que os oferecidos em outras regiões do país; além das férias de 45 dias, há também o prêmio de uma viagem de 3 em 3 anos, inteiramente grátis ao lugar de origem desses operários. Para entusiasmar a opinião pública, o Pravda publicou em julho de 1970 um grande artigo, onde defendia a tese da formação da Grande Europa, expandindo-se através da Sibéria, onde estão inúmeras riquezas à espera da exploração. Basta se dizer que o país produz hoje apenas 330 milhões de toneladas de petróleo e 180 milhões de toneladas de gás; se as atividades econômicas se intensificarem na Sibéria, prevê o governo para 1980, só na grande área, uma produção acrescida de 230 milhões de toneladas de petróleo e 400 milhões de toneladas de gás.

No setor oriental, o Japão não terá competidores na Sibéria; na zona ocidental, embora a França tenha sido a primeira a se aproximar da Rússia, a Alemanha oferecerá melhores perspectivas. Primeiro, graças à maior proximidade geográfica e, em segundo lugar, por serem complementares as duas economias. Este fato interessa sobre-

modo aos russos, que procuram manter o equilíbrio restrito entre suas compras e vendas no ocidente.

Em 1966, De Gaulle visitou Moscou e, em 1968, já a França tornava-se o segundo fornecedor ocidental da Rússia. No ano seguinte a França perdia essa posição, colocando-se atrás da Alemanha Federal, Inglaterra e Itália. Nestas condições, o Presidente Pompidou realizava nova visita a Moscou e, em setembro de 1970, era assinado novo acordo franco-soviético prevendo a duplicação do comércio entre os dois países. A Alemanha, em contrapartida, enviava Brandt à Rússia e em outubro de 1970 era assinado o *Pacto Bonn-Moscou*.

Além dos itens sobre a não agressão destacam-se, como mais importantes, os referentes à cooperação tecnológica e econômica, tendo a Sibéria como meta principal. Por sua vez, a Rússia sente a necessidade premente de desenvolver a Sibéria, região quase que desértica, dotada de cerca de 6 000 km de fronteiras com a superpovoada China Comunista. Os conflitos ao longo dessa fronteira mostram que o desenvolvimento econômico e povoamento da Sibéria constituem-se, antes de tudo, numa *necessidade altamente estratégica para a Rússia*.

(novembro de 1970)

República Guinéa Equatorial e Saara Espanhol

DELGADO DE CARVALHO

1 — Quadro Físico

A *Guiné Equatorial*, como seu nome indica, se acha apenas a 100 k ao norte da linha equatorial. É um Estado de 28 000 km², isto é, em superfície corresponde ao nosso Estado de Alagoas. Além do característico território quadrilateral, encaixado entre o Camerum e o Gabão (atntiga África Francesa), possui as ilhas de *Fernando Pó*, *Annobón* e o pequeno arquipélago costeiro de *Corisco* e das *Elobey*.

É pouco recortado o litoral, que só oferece um pequeno fjord na parte sul, onde se destaca o *cabo San Juan*. O relevo continental consta de ondulações mais pronunciadas das *Sete Montanhas* no norte, e do *monte Mitra* no sul. Quanto aos rios, são numerosos mas de pouca extensão; o mais importante é o *rio Benito*, nascido no Gabão, que percorre todo o país, recebendo vários riachos, bastante abundantes na região. A ilha de Fernando Pó se acha à cerca de 90 km da costa do Camerum, na baía de Biafra; mede 2 000 km². Como a maior parte das terras daquela região do golfo, esta ilha é chuvosa quando recebe as correntes aéreas de monção do sudoeste, que lhe trazem cerca de 1,50 a 2 metros de chuva que recebe anualmente nos três meses de agosto a outubro. A sua temperatura média anual é de 25,5 graus, com máximas em janeiro (27,7 graus) e mínimas em setembro (13,6 graus). “O nevoeiro é tão intenso em todo o golfo de Biafra, diz Julius Hann, que em dezembro e janeiro é tão cerrado que a visão só alcança poucos metros. No período de tempo seco o rocío é intenso e se produz como uma chuva noturna. É tido por muito perigoso a isto se expor. O céu é rara-

mente claro e conta 150 dias de neblina e 110 dias muito encobertos. Os tornados mais fortes vêm geralmente de leste e nordeste; de um deles caíram em uma hora 150 mm. de chuvas” (*Handbuck der Klimatologie —II*).

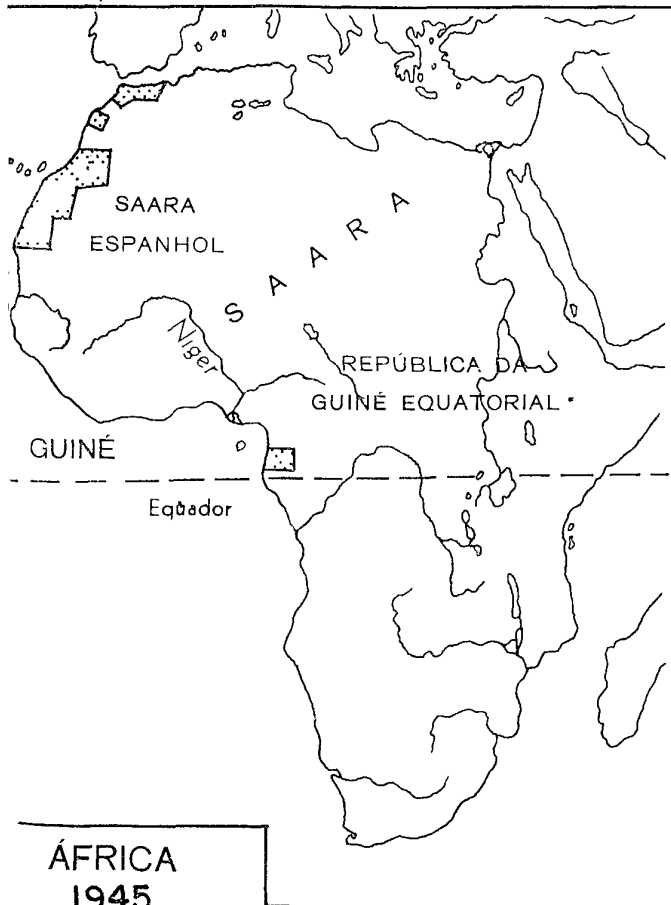
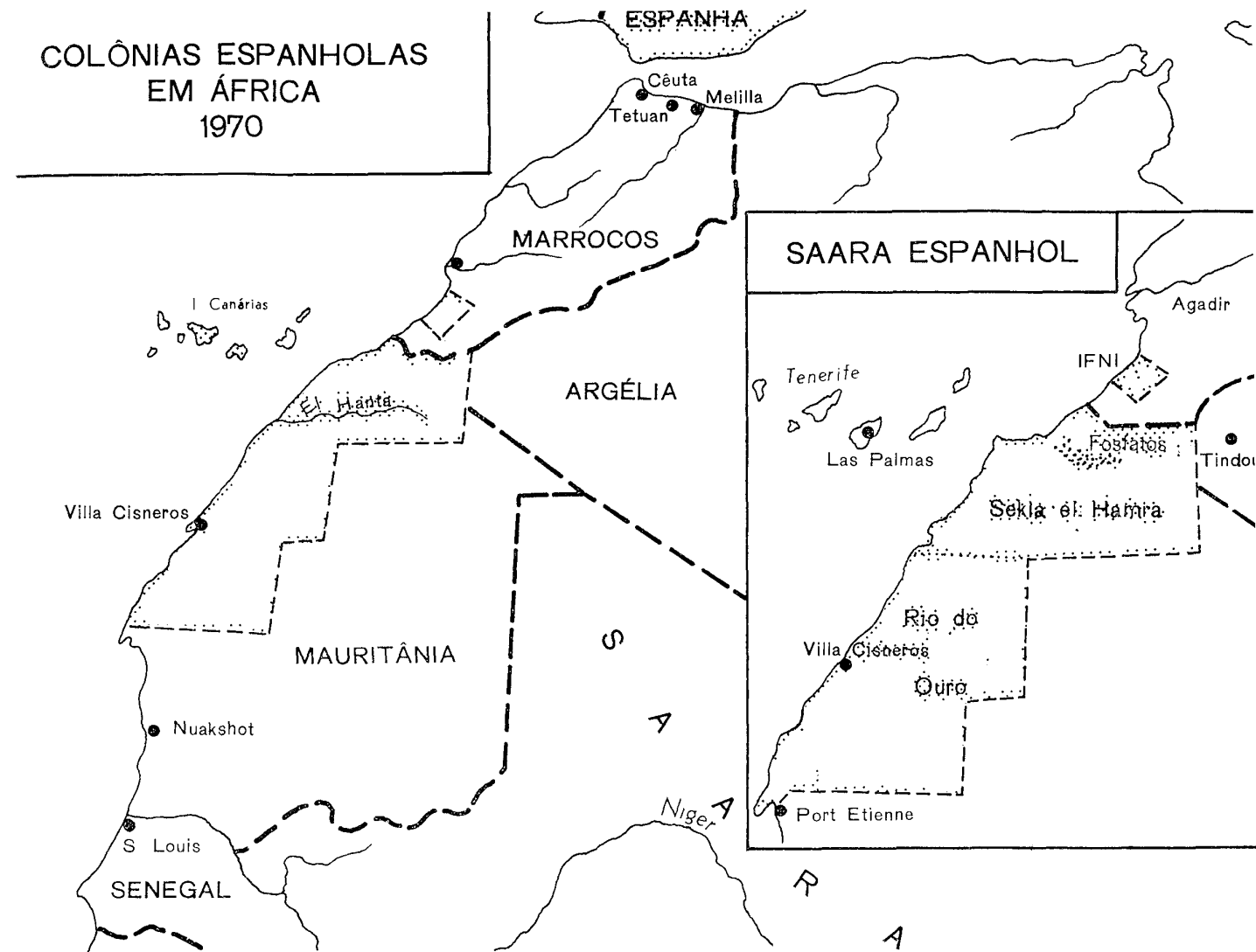
A população da república já ultrapassa 300 mil habitantes, sendo cerca de 230 mil na parte continental e 70 mil na parte insular; são perto de 10 mil os europeus. A maior parte da população do *Rio Muni* é de indígenas fang; ao longo das costas há *combes* e *bengas*; na ilha de Fernando Pó os aborígenes são *bubis*, mas há muitos *nigerianos* naturalizados que lá trabalham nas plantações; outros vêm de S. Tomé, daí o *linguajar português* que falam os descendentes de escravos de lá levados pelos portugueses; é corrente o chamado “*piding English*”, ou língua franca, apesar do *espanhol* que foi língua oficial, enquanto um grupo de crioulos, os *fernandinos* falam *inglês*.

A República é formada de duas províncias: o *Rio Muni*, parte continental e ilhas adjacentes; a cidade principal é *Bata*, pôrto de mar, e a ilha de *Fernando Pó*, cuja capital, *Santa Izabel* (20 mil almas), é também capital da República.

2 — Histórico

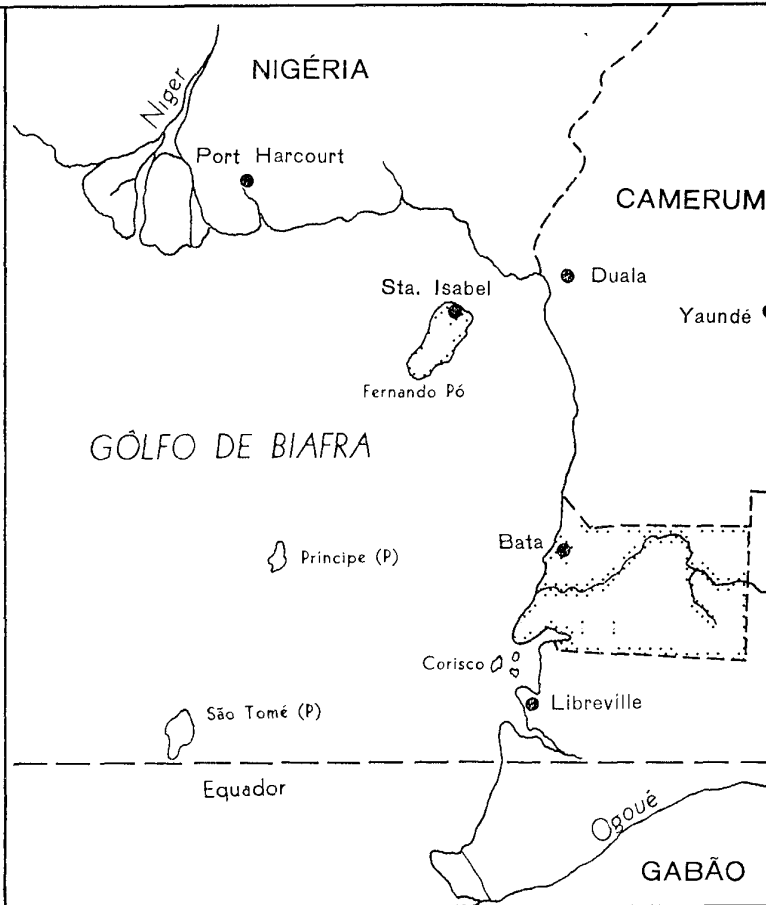
O território do *Rio Muni* foi colônia espanhola e havia sido, com *Fernando Pó* e *Annobón*, adquirido de Portugal em 1778, em vista de lá estabelecer feitoria africana sua afim, para não mais depender de traficantes de escravos estrangeiros para as suas colônias da América. Em 1827, porém, os ingleses ocuparam Fernando Pó, a fim de impedir o tráfico que havia sido abolido. Até então a Espanha havia desenvolvido pouco a sua colonização, embora as regiões se prestassem a colônias de exploração. Aconteceu que, em 1840, o governo de Madrid propôs ao britânico a venda de Fernando Pó e Annobón pela soma de £ 60 000. O negócio não foi realizado graças ao forte protesto da opinião pública e, nos anos seguintes, os espanhóis trataram de desenvolver as fazendas do golfo da Guiné, anexando as ilhas *Corisco* e *Elobey*. Penetrando em terras do Rio Muni procuraram ocupar o interior africano entre Ogué e o Niger (1860). Quando começou o período de mais ativa penetração colonialista, nos anos de 1870-80, as pretensões espanholas foram frustradas, graças à pressão exercida pelas grandes potências — Inglaterra, França

**COLÔNIAS ESPANHOLAS
EM ÁFRICA
1970**



**ÁFRICA
1945**

Antigas Colônias Espanholas
Ceuta, Tetuan, Melilla, Saara e Guiné



**REPÚBLICA DA GUINÉ
EQUATORIAL**

e Alemanha. Foi na Convenção de Paris, em 1900, finalmente fixados os limites da então denominada *Guiné Continental Espanhola*.

Depois da guerra hispano-americana, que custou a Espanha suas colônias da América, foi extinto em Madrid o *Ministério do Ultramar*, substituído pela *Dirección General de Marruecos y Colónias*. Depois da Segunda Guerra Mundial a Diretoria tornou-se sem objetivo, já que as colônias transformaram-se, no ano de 1959, em províncias espanholas (Ifni, Saara e Guiné). A situação porém foi evoluindo em vista da descolonização geral que se ia propagando no continente africano. Correspondo a um apêlo das Nações Unidas, em 1967 reuniram-se *Conferências Constitucionais* para debater sobre o panorama político da Guiné espanhola. Em vista de uma independência política a ser concedida, uma "proclamação solene" declarou que a independência da Guiné não significaria de modo algum uma ruptura dos laços com a antiga potência administradora.

O interesse da questão é que a solução residia no fato de serem duas as colônias da Guiné: Fernando Pó e Rio Muni. As discussões travadas para um "Estatuto Político", debatiam uma tese unitária e outra federalista. Assim, a "*Unión Democrática*" dos bubi de Fernando Pó reclamava a simples separação das províncias de acordo com o Estatuto de Autonomia de 1963. Dois outros movimentos, a "*Unión Nacional Guinea Ecuatorial*" e "*Movimiento de Liberación*", se opunham à separação. Um referendun de 1968 e as eleições de setembro do mesmo ano levaram a proclamação das duas províncias como Estado Soberano, sob regime republicano presidencial: a *República de Guinea Equatorial* (12 de outubro de 1968).

3 — Situação Econômica

Os colonialistas espanhóis denunciaram várias vezes os governos por não terem jamais tirado proveito dos recursos naturais da Guiné. Insistiram, com Banciella y Bárcena (Rutas de Império, 1940), em importar do estrangeiro muitos produtos que a colônia podia fornecer. O fato é que a Guiné Espanhola se manteve fora das correntes comerciais do mundo.

Trabalhadores rurais estão sendo recrutados nas ilhas portuguesas vizinhas (S. Tomé e Príncipe) e Nigéria, onde aliás, movimentos nacionalistas vêm denunciando o "facismo local", de escravizar os imigrantes nigerianos.

As principais culturas regionais são as de *cacau* de alta qualidade produzido em Fernando Pó, exportado para a Espanha; *café* de qualidade medíocre, produto fang; *madeiras* do Rio Muni levadas à Espanha e Alemanha, registrando-se o abandono das matas interiores pelos proprietários espanhóis. *Açúcar*, *tabaco* e *baunilha* são também explotados. A *indústria* é ainda reduzidíssima; conta com *serrarias* e *fábricas de peixe*.

O pôrto principal é *Santa Izabel*, que também tem aeroporto; na mesma ilha é também pôrto *San Carlos*; no continente estão os portos de *Bata* e *Puerto Iradier*.

4 — Aspectos Gerais do Saara Espanhol

Numa visão dos tempos idos, a História da Espanha Medieval pode ser interpretada como um episódio milenar, marcado pelo encontro de duas civilizações — a dos bárbaros celtíberos e godos de um lado, e árabe-bérberes do outro. Foi na península que as correntes invasoras, uma pelo norte e a outra pelo sul, se encontraram e lutaram durante oito séculos. Um dos fatos decisivos desse longo conflito foi a vitória dos ibéricos em *Las Navas de Tolosa* (1212). A brilhante fase do *Império Almoada* entrou em declínio e, quando o poder caiu nas mãos dos *Merínidas*, bérberes do planalto, os ibéricos se entendiaram para levarem a reconquista até o norte africano. Assim, em 1291 Castela e Aragão assinavam o *tratado de Monteagudo* que, tomando o *rio Muíia* como limite, reconhecia a zona oeste para Castela e a zona leste para Aragão. Por sua vez os portugueses se apoderavam de Ceuta (1415) e de *Tânger* (1471); no fim do século *Melilla* caía em poder dos espanhóis. Aos peninsulares a África se apresentava como domínio a redimir, por isso diziam: "A África começa nos Pirineos".

Nos primeiros anos do século XVI tomavam os espanhóis *Mers-el-Kebir*. "Na fértil imaginação do Cardeal Ximenez de Cisneros", diz Robert Gale Woolbert, era este o primeiro passo para a criação de *um vasto império Hispano-Mauritânio*. Quatro anos depois (1509) eram capturadas *Oran*, seguindo-se *Argel*, *Bougie*; *Tunis* e *Trípoli* foram tomadas e conservadas por diferentes períodos. "No entanto, Carlos V estava demasiadamente interessado na política européia, em sua luta contra a Reforma Protestante, para poder concen-

trar mais do que uma fração de sua atenção nestas aventuras marginais nos Estados Barbarescos". (Spain as an African Power Foreign Affairs 1946). Assim, praticamente, os espanhóis foram levados a perderem a oportunidade de constituir um império africano. Com o passar dos tempos, só no século XIX cuidaram outros povos do norte da África e de suas monarquias piratas. Por fim, privadas de suas colônias americanas, a Espanha voltou a se interessar, com certa insistência, pelo caso; já então só era possível tratar de ocupações no *Marrocos e na África Saariana-Guineana*. O século XX assistiu a *um renascimento do africanismo espanhol*, por ocasião das guerras mundiais. Quando porém em 1921 os espanhóis foram obrigados a renovarem a "guerra africana" de 1859-60, os montanhêses do Rif, sob o comando de *Abd-el-Krim* infringiram à ditadura espanhola a *derrota de Anual*, cabendo aos franceses de Pétain a tarefa da pacificação.

A Segunda Guerra Mundial despertou novas esperanças entre os "africanistas" e deu ensejo ao caudilho Franco de entrar em acôrdo com o Chanceler Hitler sôbre os proveitos que poderiam resultar de uma aliança militar. A *Falange Espanhola* nunca tinha deixado de manifestar tendências imperialistas e o embaixador alemão em Madrid foi informado das pretensões do caudilho que incluíam a aquisição de *Gibraltar*,* *Marrocos Francês*, Oran e a *Argélia Ocidental*, assim como o *alargamento do Saara Espanhol* (Rio de Oro) e da *Guiné Espanhola*. A participação de Franco na guerra hitleriana não se efetuou porque o caudilho espanhol julgou que a vitória do Eixo seria suficiente para a obtenção de Gibraltar sem combate e, por outro lado, porque a sua entrada no conflito exporia perigosamente as *ilhas Canárias* aos golpes e ocupação da poderosa frota britânica. Aliás Franco tinha ainda outras razões; a Espanha em seguida a guerra civil estava em condições críticas de transportes, munições e de alimentação. Sabia também que a Itália lhe negaria a ocupação de todo o Magreb, pois Mussolini também aspirava a territórios na África do Norte. Por sua vez, os dois ditadores estavam informados das pretensões alemãs em estabelecer bases militares no Mediterrâneo e não se faziam alusões sôbre o papel que se reservava Hitler no govêrno da Europa.

Depois da Primeira Guerra havia continuado a partilha franco-espanhola

* Vide Atlas de Relações Internacionais n.º 5

no Marrocos, com a *internacionalização de Tânger* (1923). Após a Segunda Guerra, a Espanha renunciou a seu protetorado e, em 1956, a França, Espanha, Grã Bretanha, Itália, Estados Unidos, Bélgica, Países Baixos, Suécia e Portugal aboliram o estatuto internacional de Tânger e *Al-Manlaka-al-Magreb* foi integralmente restituído ao seu sultão, que passou a ser rei no ano seguinte.

A Espanha sobravam, assim, apenas suas colônias africanas do Saara e da Guiné. Esta última se descolonzou sob o nome de República de Guiné Equatorial em 1968, mas o Saara parece estar entrando numa nova fase econômica de futuro promissor. Abrange várias unidades o *Sequia el Hamra*, o *Rio de Oro*, o *Ifni* e, também, pode-se acrescentar a estas regiões saarianas as *ilhas Canárias*.

Situada na costa atlântica, encaixada em território marroquino, a *Província do Ifni* tem uma área de 75 km², isto é, três vezes a nossa Fernando de Noronha, com uma população de mais de 50 mil almas. Cedida pelo Marrocos, pertence à Espanha desde 1860, mas nela só se hasteou a bandeira espanhola em 1934. Seu território é estépico; nêle se criam alguns *carneiros* e se colhe *azeitonas*; no litoral a maior parte dos indígenas vive da *pesc*a. Na *Província Saariana* reina a mesma paisagem; seus habitantes são, em parte, nômades, criando carneiros, camelos e asininos; são muçulmanos árabes, bérberes e negros. Num território equivalente ao Estado de São Paulo, em superfície, comporta uma população de aproximadamente 60 mil habitantes, dos quais cêrca de 25 mil são espanhóis (civis e soldados). Sua capital é a cidade de *El-Asim* (5 mil habitantes); *Villa Cisneros* e *Cabo Juby* são portos da província. As *minas de ferro de Tindouf*, em território argelino, criaram um problema para a sua exportação; os chefes de govêrno do Marrocos e da Argélia estão interessados em que seja atendido o apêlo das Nações Unidas que recomenda um *referendum* nas províncias espanholas para a resolução do problema da descolonização. O rei Hassan prefere que a exportação de minério seja efetuada pelo pôrto de Agadir, mas em território espanhol o trajeto é mais curto, daí o interesse dêsses vizinhos. Tratam-se de jazidas de ferro que podem produzir de 10 à 15 milhões de toneladas por ano, daí a nova importância do Saara Espanhol.

Mais importante, todavia, foi a descoberta, em 1947, a 80 km da capital, no *deserto de Bucraa*, de grandes *jazidas*

de fosfatos, com 70 km de extensão, cujas reservas são calculadas em perto de 2 bilhões de toneladas. A exploração está para ser iniciada em 1971. Os três países limítrofes do Saara Espanhol contestam à Espanha os direitos históricos invocados para conservar o *hinterland* que lhe foi reconhecido pela *Conferência de Berlim*. A questão econômica passou a ser, em consequência, uma questão política entre árabes e espanhóis. Os interesses em jogo são de tal importância que, adversários e concorrentes que eram em matéria de fronteiras, o Marrocos e a Mauritânia combinaram as suas pretensões com as da Argélia para tratar da interpretação do referendun aconselhado pela ONU e aceito pelo governo de Madri. O Marrocos e a Mauritânia exigem que os *sahrauis* ou refugiados que abandonaram a colônia espanhola em 1957-58, quando se deram os combates de libertação, sejam incluídos entre os votantes no *referendum*. Com os seus descendentes, parentes, amigos e conhecidos seriam os sahrauis do Marrocos e Mauritânia cerca de 230 mil repatriados para votarem numa província que só tem 60 mil habitantes, dos quais 10 mil são soldados. As negociações serão provavelmente demoradas.

5 — Arquipélago das Canárias

Quanto às ilhas Canárias, que geograficamente fazem parte da África, ocupam uma posição que permitiu a

Espanha manter-se como potência colonizadora na África. O seu arquipélago é integrado ao governo metropolitano pelas suas duas províncias: *Las Palmas e Santa Cruz de Tenerife*, que reúnem cerca de um milhão de habitantes nos seus 7.300 km², isto é, das maiores densidades demográficas do país; daí a emigração que sempre caracterizou as suas famílias de numerosa parentela.

Os solos das ilhas são férteis, seu clima ameno e sêco, muito procurado pelos estrangeiros. São exportados para os mercados da Europa suas frutas e seus legumes; a pesca é indústria proveitosa de numerosa população, principalmente na chamada *Mar Pequeña*, entre as ilhas e o continente.

No século XV, as ilhas eram contestadas por Portugal e Castela; por fim, foram reconhecidas como domínio dos Reis Católicos em 1479. Destinaram-se a ser o caminho por excelência para a *América* e para o contorno da *África*, por isso foi também a costa ocidental africana tida pela Espanha como proteção às ilhas. Em 1524, entretanto, os marroquinos se apoderaram delas e só voltaram à Espanha em 1860, quando o sultão reconheceu a ocupação de "soberania" de Santa Cruz de Mar Pequeña. No tempo da ditadura de Primo de Rivera as Canárias foram frequentadas por exilados políticos. Os rigores dos invernos europeus para lá também mandam exilados temporários aos seus melhores hotéis.

(outubro de 1970)

Austrália: A Ilha- -Continente

THEREZINHA DE CASTRO
Geógrafa do IBG

1 — Aspectos Geográficos

Maior ilha do mundo, a Austrália ocupa, juntamente com a Tasmânia, uma superfície de 7.703.273 km², sendo portanto menor que o Brasil (8.511.965 km²). Ocupa mais ou menos a latitude do território brasileiro pois, além de cortada pelo trópico de Capricórnio, suas terras aproximam-se dos 10 graus de latitude norte.

Como ilha, apresenta uma *extensão litorânea* de 15.000 km, *pouco mais ou menos o dôbro da brasileira* (8.000 km), com raros acidentes a serem assinalados, por ser de um modo *retilínea*.

No norte projeta-se a península de Cape York entre o golfo de Carpentária e o mar de Coral, correspondendo no sul à Grande Baía Australiana, formando imenso arco que penetra ligeiramente no território. Corresponde ao golfo José Bonaparte, formado pelo mar de Timor no norte, encimado pela ilha de Melville, a reentrância do golfo de Spencer, próximo à ilha do Canguru no sul.

A costa ocidental, baixa e inóspita, projeta-se no *oceano Índico* através de dois ligeiros arcos. O primeiro, na direção oeste até o cabo Nordeste; o segundo toma o rumo leste, onde se sobressai o pôrto de *Perth* (499.494 habitantes —Censo de 1966), capital da *Austrália Ocidental*, surgido em 1829 graças à exploração de ouro nas áreas vizinhas.

No entanto, as *mais importantes e populosas cidades* australianas entre Brisbane e Adelaide, estão no sudeste da ilha. Segundo o Censo de 1966, Sidney (2.444.735 habitantes) e Melbourne (2.108.499 habitantes) disputam os dois primeiros lugares. *Sidney*, o mais antigo núcleo populacional do país (1788) constitui-se num dos mais bem abrigados portos naturais do mundo; uma enorme ponte de aço une as duas

zonas da cidade separadas pelo rio Parramata; além de pôrto, Sidney exerce as funções de capital do *Estado de Nova Gales do Sul*. Abrigada na baía de Port Phillip, *Melbourne*, capital do *Estado de Vitória*, constitui-se no eixo de ligação continental com a *ilha da Tasmânia*, onde *Hobart* (119.415 habitantes) no ângulo sudeste, ao fundo de profunda baía, tem vida marítima muito movimentada, desde sua fundação em 1804.

Capital da *Austrália do Sul*, *Adelaide* (726.930 habitantes) é o terceiro núcleo urbano do país, fundado em 1837 no abrigo do amplo golfo de S. Vicente. Por sua vez, *Brisbane* (719.140 habitantes) e *Newcastle* (233.967 habitantes) encerram o conjunto do litoral sul-australiano do Pacífico, o mais populoso do país. Além de ser um dos portos mais concorridos, Brisbane, fundada em 1824, exerce as funções de capital do *Estado de Queensland*. Já Newcastle tornou-se pôrto mais movimentado graças a sua proximidade com minas de carvão.

Assim podemos concluir que a costa oriental, delimitada pelo cabo Sandy destaca-se através de dois setores. Ao norte, numa extensão de 1.600 km estende-se a *Grande Barreira de Coral*, constituída por recifes de formação madrepórea, entrecortado por estreitos. Nesta região as águas são tranqüilas e transparentes, possibilitando serem navegadas pelos barcos que rumam para o setor sul, onde se localizam os mais importantes e bem abrigados portos da ilha.

Sendo *o menos elevado dos continentes*, o principal núcleo montanhoso da Austrália desenvolve-se *paralelo à costa oriental*; tem a denominação geral de *Grande Cordilheira Divisória*, estando no *pico Kosciusko* (2.233 metros), o ponto mais alto da ilha.

A designação Divisória tem sua razão de ser, graças à atuação desse relevo no setor hidrográfico, como *centro de dispersão*. Daí descem os principais rios australianos tributários do golfo de Carpentária, da Grande Baía Australiana, oceano Pacífico e da Grande Baía Artesiana Central.

As principais correntes fluviais australianas são constituídas pelas *bacias do Darling-Murray*, abrangendo cerca de 1.000.000 km². O Murray, com 2.400 km de curso, tem caudal superior, sendo navegável em quase todo o seu curso por pequenas embarcações a vapor. Já o Darling, pouco maior em extensão (2.500 km), tem seu volume d'água absorvido, graças aos terrenos

permeáveis que atravessa; nesta situação, em algumas regiões, seu leito mantém-se inteiramente seco.

Correndo para o norte, numerosos cursos d'água descem paralelos da Grande Cordilheira Divisória para desembocar no golfo de Carpentária. Nesta região, o *Flinders* (775 km) é o de curso mais longo, porém o *Norman* (410 km) e o *Mitchell* (475 km), banhando distritos auríferos, apresentam-se com melhores possibilidades de navegabilidade.

Levando-se em conta a situação da Grande Cordilheira Divisória, bem próxima da costa, para o oceano Pacífico correm rios de pequeno curso, torrenciais quando na época chuvosa: o *Suttor* e o *Dawson* inicialmente formam vales paralelos à costa, desviando-se em seguida para o oceano, onde desembocam através de estuários navegáveis ou no fundo de verdadeiros fjords.

Descendo a cordilheira em direção ao interior atinge-se uma zona desértica que, à semelhança do Saara, apresenta terras áridas (Deserto de Simpson, de Vitória, de Gibson e de Sandy) avançando até as bordas do litoral banhado pelo oceano Índico. O vasto deserto australiano ocupa na realidade 1/5 do território da ilha.

A princípio êsse interior apresenta uma área servida por rêsdes hidrográficas, correndo no sentido norte-sul, na depressão central; essas correntes d'água, representadas pelos rios *Macumba*, *Georgina*, *Diamantina* e *Thompson*, desaparecem nos terrenos porosos ou areais, concorrendo para isso a extrema secura, provocando evaporação muito ativa. Dirigem-se essas correntes à Grande Bacia Artesiana, cujas águas se elevam por si para manter o equilíbrio do lençol subterrâneo; apresentam certa analogia com os bolsões artesianos do Saara. Na depressão interior australiana, atingindo cifras de 11 metros abaixo do nível do mar existe grande reserva d'água subterrânea, atestada nos poços de 3 metros de profundidade.

Os vários lagos dessa depressão, apesar de ocuparem extensa superfície de 30.188 km², numa área maior que a do nosso Estado de Alagoas (27.731 km²), não apresentam grande serventia, em virtude de os rios que os alimentam manterem-se secos durante a maior parte do ano, mostram êsses lagos marcada tendência a diminuir, destacam-se entre as principais formações lacustres, além do *Eyre*, que é o maior (8.800 km²), o *Torrens* (5.773 km²) e o *Gairdner* (4.764 km²).

As distâncias são consideráveis na Austrália, tendo o viajante que percorrer, de Adelaide a Darwin cerca de 2.763 km, quase o percurso rodoviário Rio-Natal (2.926 km). A extrema secura desta área central deve-se também à posição análoga do Saara, onde uma massa de ar quente e seca, de alta pressão, se mantém envolvendo a região. Nas faixas litorâneas que circundam êsse deserto, a pluviosidade é considerável. O norte, incluído dentro da zona tropical, goza das maiores precipitações registradas na ilha. Assim, Darwin apresenta no verão de janeiro a quantidade média de chuva de 1.600 mm., diminuindo a incidência dêsse fenômeno à medida que nos afastamos para o sul — Brisbane (1.366 mm.), Sidney (1.228 mm.), Perth (840 mm.) e finalmente Adelaide apresentando já em junho 530 mm, pois é no inverno que se registram as maiores chuvas no sul.

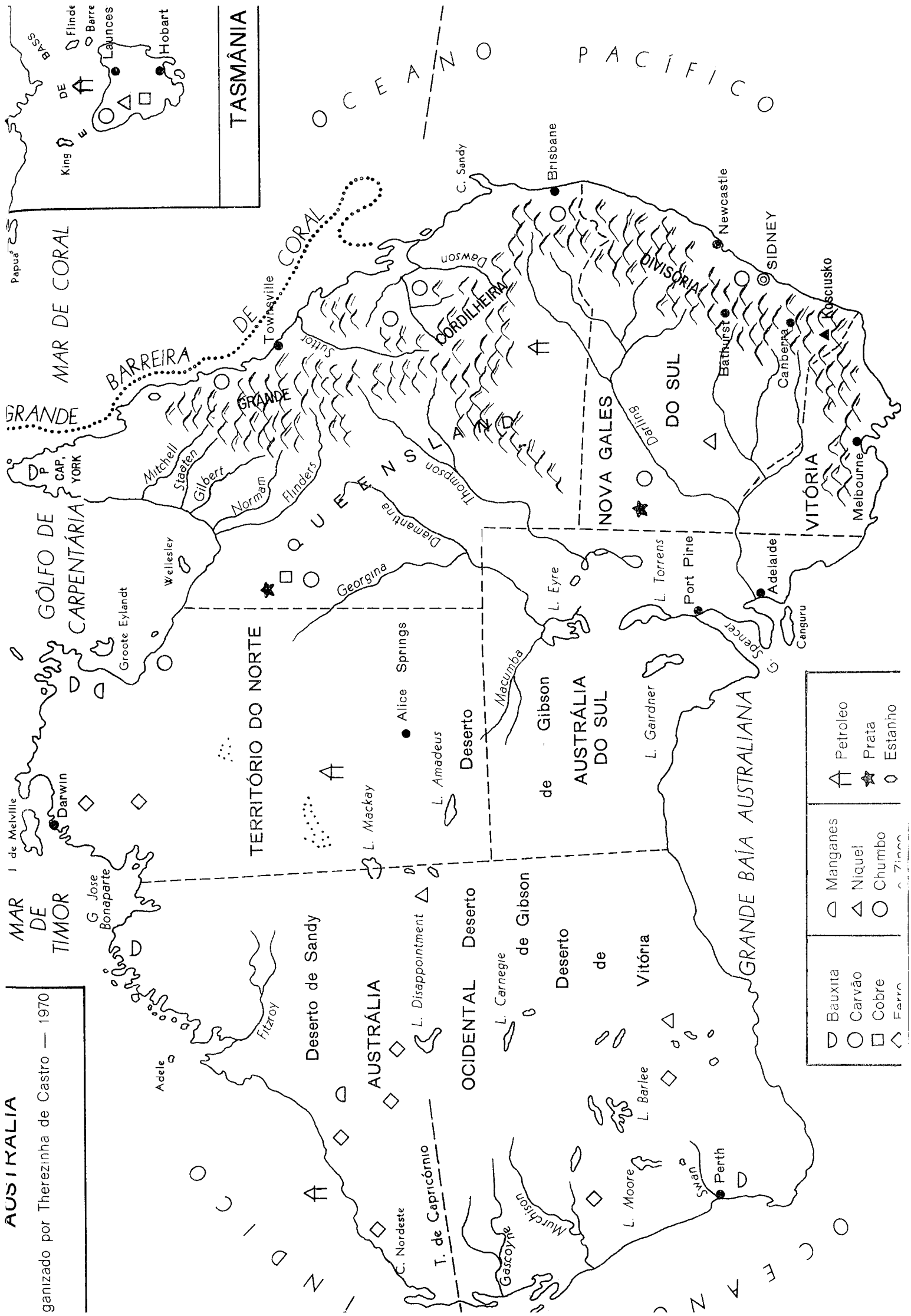
Graças às chuvas, alguns rios de regime pluvial desembocam no oceano Índico; seus cursos, atingindo em média cerca de 600 km, já se apresentam mais extensos que os da costa oriental. A profundidade dos tributários do Índico varia de 15 a 20 metros, oscilando a largura entre 200 e 300 metros. Ao lado do *Fitzroi*, *Gascoyne* e *Murchison*, sobressai-se o *Swan* por ser o único de caudal permanente, favorecendo a cidade de Perth. Conclui-se, assim, que sendo de um modo geral temporários, os rios tributários do Índico-australiano, à semelhança dos rios brasileiros da zona semi-árida do Nordeste, não se apresentam favoráveis à navegabilidade.

Ainda no campo climático, atuam desfavoravelmente as fortes oscilações estacionais registradas na Austrália. Em Perth, por exemplo, a oscilação anual é de 41,8 graus, já que apresenta a máxima de 42,2 graus para uma mínima de 0,4 graus; em Adelaide a oscilação é de 42,8 graus, maior ainda, com verões, onde os termômetros sobem aos 44 graus e inverno bem frio de 1,2 graus; na costa oriental, tomando-se Sidney para ponto de referência, a oscilação anual é de 36,6 graus, representada pela máxima de 38,6 graus para uma mínima de 2 graus. Finalmente, Darwin no norte, mostra maior coerência climática regional, com 29 graus em janeiro, que é o mês em geral mais quente, para 15,2 graus em julho, a época mais fria.

Em contrapartida, tomando-se Alice Springs, a pequena capital do deserto, veremos registrada a variação de 52 graus, podendo-se afirmar que num

AUSÍKALIA

ganizado por Therezinha de Castro — 1970



◇	Bauxita	△	Manganes	⬆	Petroleo
○	Carvão	△	Níquel	★	Prata
□	Cobre	○	Chumbo	○	Estanho
◁	Ferro	○	Zinco		

mesmo dia a oscilação pode variar em 47 graus, quase no centro matemático da ilha, Alice Springs engloba-se no tipo de clima continental com seus exagerados contrastes térmicos, semelhantes aos de Biskra, * no Atlas Saariano

As variedades termoplúviométricas influem na fitogeografia da ilha Assim, nas áreas mais bem providas de chuvas surgem os bosques madeireiros, onde abundam eucaliptos corpulentos, os mais altos do mundo, depois das sequóias da Califórnia; essas árvores australianas, no entanto, demonstrando débil atividade vital, apresentam espessa epiderme, revelando a conveniência da proteção eficaz contra a rápida evaporação da umidade. São também característicos os chamados bosques coralinos, experimentando a influência benéfica do mar de Coral

Contrastando com essa área, no interior sêco aparece o baobab, árvore de tronco gigante, resistente ao clima hostil; segue-se o "scrub", com suas lianas, espécie de cipó lenhoso, oferecendo à penetração maiores dificuldades que as enfrentadas pelos exploradores nas zonas de selvas virgens

2 — Aspectos Geoeconômicos

Aproveitando as áreas periféricas do sudeste, a melhor irrigada pelas rêdes fluviais, aí se instalaram os campos agrícolas, dedicados à produção de trigo em especial (7 022 milhares de toneladas) ** seguido pela cana-de-açúcar e videira

É, no entanto, a pecuária que se constituiu na mais sólida fonte de riqueza australianas. Os campos de pastagens espalhados pelas estepes herbáceas interiores dividem-se, geoeconômica-mente, segundo o tipo de criação Assim, as zonas menos chuvosas, por isso mesmo de pastos mais pobres, são ocupadas pelos rebanhos de carneiros, cuja lã, de ótima qualidade, fornece divisas à balança de exportação australianas Além de possuir o maior rebanho mundial de ovinos, a Austrália ocupa também o 1º lugar como exportador de lã (743 milhares de toneladas)

Os melhores pastos são destinados ao gado bovino, neste setor, embora a Austrália não figure entre os países possuidores dos maiores rebanhos, já aparece entre os exportadores de carne (1 739 milhares de toneladas).

* Vide Atlas de Relações Internacionais n.º 15

** Fonte: Anuário Estatístico da ONU (1968)

Assim, na Austrália, onde apenas 10% das terras são cultiváveis, a criação constitui-se numa importante fonte de riqueza Nas terras mais interiores são encontrados os "drovers", pastores, muitas vezes negros aborígenes, que se adaptaram melhor a esse trabalho nômade. Nesse interior mais árido o número de cabeças de gado depende essencialmente das reservas d'água Aí o canguru, marsupial típico australianas, é considerado como uma praga a ser combatida, já que se alimenta das ervas, tão preciosas aos rebanhos Abatido o canguru, pouco rendimento comercial irá proporcionar ao seu caçador Sua pele não tem quase valor, ao lado da carne quase inexistente; as espáduas desses animais são mal formadas e seus membros de tração constituem-se predominantemente por um conjunto de nervos

Observando-se o mapa, podemos notar que a riqueza mineral australianas encontra-se distribuída por diversos pontos da ilha. Auto-suficiente em ferro e outros minerais, a Austrália tem neste setor o fator que propiciou o seu desenvolvimento no campo da indústria pesada

As indústrias metalúrgicas contam com altos fornos instalados em várias cidades comandadas por Newcastle; a do cobre em Townsville, a do alumínio em Sidney, enquanto a refinação do chumbo é feita em Port Pirie, localizada ao fundo do golfo de Spencer Das jazidas petrolíferas de Queensland, descobertas em 1961, parte um oleoduto (305 km) atingindo Brisbane, enquanto as refinarias se instalam nos vários pontos do país

A Grande Cordilheira Divisória apresenta-se bastante rica em jazidas de linhita; graças à abundância dos minerais energéticos sólidos, instalaram-se na Austrália as usinas termoelétricas, responsáveis pela maior parte dos 40 milhões de kWh gerados anualmente, suprindo a falta da energia elétrica

3 — Conquista e Colonização

O estreito de Tórres, no norte da Austrália, lembra a passagem por aí do espanhol que viajou pela região, na era das grandes navegações Conhecendo apenas a zona árida da ilha, do mesmo modo que o holandês Arhem, os comerciantes das especiarias do Índico não se interessaram em ocupar o local.

No século XVIII, o Capitão Cook, explorando as ilhas do Pacífico, conheceu a outra parte da Austrália, tocando nas imediações de Sidney. Assim, em 1770,

tomava posse desta costa leste, em nome da Inglaterra.

A *semelhança do que ocorreu no Brasil*, que teve durante os seus primeiros 30 anos uma *fase pré-colonial*, a Austrália, após a posse oficial inglesa, também não entrou em imediato na era da colonização. Se as terras longínquas do Brasil serviram inicialmente para abrigar os *degradados*, em sua maioria políticos indesejáveis a Portugal; a Austrália receberia em 1778 um *contingente de revolucionários banidos das 13 colônias da América*, por se haverem revoltado contra a metrópole inglesa.

Assim, o *primeiro contingente de "convicts"*, compôsto por 717 condenados, entre os quais 188 mulheres, escoltados por 191 marinheiros e 18 oficiais, desembarcou em Port Jackson (atual Sidney) sob a chefia do *Capitão Phillip* a quem caberia, por missão dirigida, a *colônia penal*.

Os primeiros anos foram difíceis, os condenados não estavam acostumados à vida agrícola e aquêlo nôvo mundo os desanimava. Por isso, o Capitão Phillip tudo fez para que o govêrno inglês enviasse colonos livres ao local. Sem compreendê-lo, a Inglaterra enviava a cada ano cêrca de 2 a 3 mil prisioneiros, já então muitos dos quais perigosos delinqüentes que instauraram na ilha o terror, enquanto a *ocupação se restringia a Nova Gales do Sul*.

No século XIX, durante o *govêrno de Macquarie* (1809-1821) é que a Austrália saíria de seu período de estagnação, como local unicamente de colônia penal, para entrar em sua *fase econômica produtiva* prôpriamente dita. É que em 1817 *chegavam os primeiros colonos livres*, para se estabelecerem na baía de Port Phillip, *nas imediações de Melbourne*; em 1821 êsses colonos já perfaziam um total de 1 500 pessoas sob uma população de 30.000 habitantes. Com essa nova política, à medida que o número de colonos livres aumentava, as *levas de condenados* diminuíam, até terminarem por completo em 1868.

Introduzido o carneiro merino na região, os rebanhos foram-se multiplicando e a expansão se realizando através do Estado de Vitória e ilha da Tasmânia. Aos poucos, *à semelhança do que se processou no Brasil* com os bovinos, *as fazendas de gado ovino se internavam pelo interior, ocupando a Austrália do Sul*.

Vendo que a França preparava-se para a segunda fase de sua política expansionista, após haver perdido o seu império colonial para os ingleses, a Inglaterra, na crença de que se realizaria

um desembarque francês na ilha, *mandou ocupar o rio Swan*, onde surgiria Perth (1829).

A *descoberta do ouro em Bathurst* (1851) provocou *fenômeno análogo aos que ocorreram no Brasil e Estados Unidos* — a expansão para as áreas interiores desocupadas. Atrairia, por sua vez, *numerosos imigrantes do exterior*, fazendo com que a população da Austrália, que era, em 1850, de 430.596 habitantes, chegasse a 1 202 994 em 1861, para atingir 1 924.770 pessoas em 1871.

Pela estimativa feita a 30 de junho de 1968, *a população da Austrália* era de 12.030 820 habitantes, mostrando que a ilha, *se comparada com os 90 milhões do Brasil*, é ainda bem despojada.

Com a imigração independente formaram-se 5 *Estados* — Vitória (associado à Tasmânia), Nova Gales do Sul, Queensland, Austrália do Sul e Austrália Ocidental, *vivendo à semelhança do que ocorreria com as 13 colônias inglesas da América*, em regime de autogovêrno (1859). A Austrália Ocidental esboçava apenas um regime representativo, não contando, por assim dizer, na vida política australiana. Cada Estado, além da sua *vida própria*, vivia muitas vezes em *rivalidade com seus vizinhos*.

Aos poucos surgia na ilha uma espécie de *nacionalidade homogênea*; os contactos se realizavam nos territórios que se povoavam de rebanhos de ovelha, "fábricas de lã sobre 4 patas", como se denominavam as fazendas. No entanto, *a economia regional*, enquanto já o Território do Norte se integrava finalmente ao conjunto, era seriamente prejudicada pelas *barreiras alfandegárias* interestaduais. Percebendo a desvantagem, reúnem-se os representantes das diferentes unidades políticas e, elaborando *uma Constituição* escrita, enviam-na a Londres, que a aprova (1891). Era êste o primeiro passo para o nascimento do *Commonwealth da Austrália*, que seria oficialmente instalado em 1901.

4 — O Problema da Capital

Quando os ingleses resolveram no século XIX colonizar a Austrália, instalaram o *seu núcleo geo-histórico* na costa leste-meridional da ilha; ainda nos dias atuais confundem-se o núcleo geohistórico com o *ecúmeno estatal*, pois *vive nesta região 77% da população*, enquanto o interior apresenta-se

* Fonte: The Statesman's Year Book (1969-70)

desértico Constitui-se êsse fato, em mais um *fenômeno análogo ao do Brasil*, já que o grosso de nossa população encontra-se ainda na zona litorânea do Atlântico, dentro da faixa do núcleo geohistórico, traçado pela linha de Torresilhas; daí se confundirem também o nosso núcleo geo-histórico e ecúmeno estatal.

No núcleo geo-histórico australiano surgiram *duas cidades rivais* — Sidney e Melbourne; a primeira, em Nova Gales do Sul, a segunda em Vitória. Graças a êsse fato, quando o govêrno inglês tratou de organizar a Austrália, como parte integrante da Comunidade Britânica, resolveu incluir no *artigo 125 da Constituição australiana* um dispositivo para a *criação de uma capital artificial*.

As discussões se arrastaram desde o ano de 1897 quando, em Adelaide, constituída em campo neutro, reuniu-se uma Convenção para resolver o assunto. Sômente em 1927 nasceu *Canberra*, entre as duas cidades rivais, um pouco *afastada do litoral, mas não interiorizada como a nossa Brasília*, pois conservou-se na região do núcleo geohistórico e ecúmeno estatal.

Washington, também no núcleo geo-histórico e ecúmeno estatal, surgida em virtude da rivalidade entre o norte e sul dos Estados Unidos, foi o *exemplo clássico de capital artificial que inspirou a fundação de Canberra*. Assim, tanto Washington quanto Canberra, têm sua fundação justificada pelos *imperativos históricos*.

5 — Situação Política e Estratégica

À *semelhança do Canadá*,* a Austrália, pelo *Estatuto de Westminster*, votado a 31 de dezembro de 1931, foi

* Vide Atlas de Relações Internacionais n.º 13

erigida em *Domínio independente*. O soberano inglês é representado por um *Governador-Geral*; cabe a êste, nomear o *Primeiro Ministro*, chefe do Partido majoritário nas eleições, para o exercício do *poder executivo*. O legislativo é representado pelo Senado e Câmara dos Deputados.

Pode a Austrália, em *política externa*, traçar as suas diretrizes e manter Corpo Diplomático próprio, nos países com os quais possui relações.

Em *política internacional* tem manifestado tendências nitidamente *pró-bloco ocidental*, como *aliada dos Estados Unidos*, notadamente no sudeste asiático.

Por sua *situação estratégica entre dois oceanos*, a Austrália tem mais importância na *questão da autodefesa* diante da "guerra fria", do que propriamente no setor comercial.

Os Estados Unidos e a Inglaterra construíram febrilmente suas *bases navais e aeronavais* na Oceânia para se prevenirem numa possível guerra no Pacífico. No sul dêste oceano, a Austrália constitui-se numa *posição-chave na linha insular fortificada para a dupla defesa Índico-Pacífico*. Na conjuntura do Índico *destaca-se Darwin* numa das extremidades e Cingapura na outra. Na Segunda Guerra Mundial, quando o conflito atingiu o Pacífico, partiram de Darwin as tropas de invasão rumo a Guadalcanal.

Como *vanguarda defensiva*, a missão de Darwin é a de sentinela sôbre o estreito de Tórres, protegendo a Austrália contra uma invasão que venha do norte; daí ter sido construída no local uma *base militar aeronaval de grande importância geoestratégica*.

(outubro de 1970)